

A RAZÃO

Director e Editor: — LUÍS FILIPE COELHO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

N.º 43 do 3.º Ano

Redacção e Administração: — Rua Trindade Coelho, 27

Guimarães, 16 de Novembro de 1926

Composto e Impresso na Tip. de «A Tradição» — FAFE

POR GUIMARÃES

O regresso da Comissão que foi a Lisboa—Entusiástica recepção e cortejo luminoso

No dia 10, pelas 15 horas, foi recebido um telegrama comunicando a chegada a Guimarães da Comissão que havia partido para Lisboa pugnar pelos interesses concelhios e, esta notícia, bastou para que a cidade se puzesse logo em festa.

As fábricas faziam ouvir o hausto do vapor das suas caldeiras, os sinos repenitavam o hino da cidade e os automóveis da praça movimentavam-se ao ronco das suas sirenes.

O povo aglomerava-se em direcção à Avenida Cândido dos Reis e sentia-se o entusiasmo que se alimentava em todos os corações. Às 16,15 o comboio entra as agulhas e soam as 1.ªs vvas. Há cumprimentos e abraços. Forma-se um cortejo e, embora caíam grossas bátejas, ninguém arreia pé nem sequer diminui o entusiasmo...

Praça D. Afonso Henriques, rua da República Largo da Oliveira... e Câmara...

O salão nobre do Município já se encontra repleto.

Sobe a Comissão e estremejam as palmas...

Cá fora o mesmo entusiasmo. O povo, que não pôde entrar, deseja saber qual a resposta do Governo à Comissão que nomeou...

O sr. Capitão Duarte Fraga, Presidente da Comissão Administrativa resolveu falar ao povo da janela do Município. Aumenta mais o entusiasmo. Aguarda-se um momento de silêncio e, fido este, S. Ex.ª diz que o Governo da República se compromete a conservar intacto e uno o concelho de Guimarães. Podia, pois, estar sozinha a cidade que os escolheu para seus representantes. A missão foi cumprida e bem.

Era o dever que lhes assistia e o direito que pertencia a Guimarães. Terminou com vivas ao Concelho de Guimarães, ao povo de Guimarães e à República. Foi muito ovacionado. À noite, do Quartel dos Bombeiros Voluntários, saiu uma marcha luminosa e organizou-se o cortejo que percorreu as principais ruas da cidade.

Como a Comissão Administrativa da Câmara se encontrasse reunida em sessão ordinária, o povo que formava o cortejo foi saudado e, assim, falaram o sr. Presidente da Comissão Administrativa e Dr. José Pinto Rodrigues. Foram francamente saudados. A marcha luminosa seguiu pelos Largo 1.º de Maio, rua de S. Damaso, Largo do Prior do Crato, dobrando na Praça D. Afonso Henriques por ter caído uma enorme chuva.

Pensa-se em organizar novos festejos e consta que haverá uma sessão solene no Teatro D. Afonso Henriques.

Em Lisboa representou o «Pro Vimaranense», o sr. João Faria Martins, terceiro-tenente da Faculdade de Direito.

A Associação Comercial foi representada pelo sr. José Pinto Teixeira de Abreu, seu director Presidente e a Santa Casa da Misericórdia pelo seu Provedor, sr. Dr. Dias Pinheiro.

Lêde e propagai

«A RAZÃO»

A «VELHA GUARDA»

Por Heitor d'Almeida

Não sei como exprimir a minha mágoa neste instante em que, como republicano, tenho de terçar a minha pena com essa casa republicana.

Sempre me repugnaram estas lutas entre indivíduos a quem a mesma bandeira cobre, pois vejo sempre além de nós, embora amigos, os córvo aguçando o bico com a sofreguidão insaciável peculiar, esperando atentamente qualquer podridão que lhe possamos oferecer para a devorarem com toda a «gana» e prazer.

—A «Velha Guarda», como órgão local do P. R. P., de incontestáveis tradições gloriosas, merece a minha consideração embora resfr e por muitos e justificados motivos o meu aplauso e é por isso que hoje me tem de frente, armado com toda a minha lealdade e moral bem republicanas, a combater a doutrina anti-democrática e anti social defendida no «fundo» do seu último número.

Antes, porém, quero afirmar que não pertença ao número daquêles que por sistema combatem os partidos e que não admitem caminhos d'ferentes para atingir o mesmo fim. Não.—Quando a missão desses partidos se cumpre dentro das fórmulas que os grandes idealistas preconisaram e que os cientistas refrendaram após as suas observações e experiências, eu quero bem a todos êsses partidos visto que a sua finalidade é uma apenas: o bem da Pátria e da República.

No entanto reprovo a existência de qualquer partido quando ele pretende, ou de facto se sobrepõe, aos interesses da própria República, que o mesmo será dizer, da própria Pátria.—Entendamo-nos.

—Ao sair este jornal, há bem perto de quatro anos, quando nesta cidade ignóbeis pasquins cospiam todo o seu ódio às faces da República—então hibernava a «Velha Guarda»—eu e outros que como eu «sem partido», amando da fundo da alma a República de nós todos, dissemos com clareza e lealdade que nos caracteriza: «este jornal «A Razão» é de todos os republicanos honrados»—digo honrados porque há, infelizmente, bandidos que se dizem e pintam de republicanos.

—Chegamos a... quasi mend'gar—a pedir aos republicanos que nos assinassem a «folha», a outros que escrevessem para ela e, salvo raras e honrosas excepções... ninguém nos atendeu!!!—Porém, nada de desanimar, rapazeada!

O próprio chefe político local nos devolve a pobre gazeta, a gazeta que teve o poder de improvisar «jornalistas» cuja prosa vinha ainda eivada de fantasias de jovens namorados...

—E' que de facto a República era para nós a Dama dos nossos sonhos, por quem, cavalheirescamente, estávamos dispostos a bater-nos.

Repito: nessa altura hibernava a «Velha Guarda»! —Correram os dias, os meses, os anos, e, a «folhinha», retardatária às vezes, lá vinha—sabe Deus, e nós, com que sacrificios!—dizer da sua justiça, ra'har—tantas vezes!—para que se não dissesse, como sóa, ter perdido o «pio»!

Que trabalhos, que dedicações, oh Filipe Coelho! E vós todos, meus amigos e amigos de «A Razão»! que luta formidável e «desinteressada» para não vermos resvalar para o «non est hic» o lavadouro onde cada republicano podia publicamente lavar as nódoas que, a si, ou à República, emporcalhassem!

Basta que o sa'bamos nós, meus amigos...

.....
Cria a «Velha Guarda» na franquêsia rude de quem escreve: é um dos jornalistas improvisados, mas, dos sinceros republicanos que se tem sabido bater.

Estudava em 5 de Outubro e já era republicano; foi para França defender Portugal; foi para o Aljube, pela República; colabora num jornal, pela República; combateu o «28 de Maio», pela República!

E, hoje, com profunda mágoa, o mesmo republicano que não verga, vem à liça contra a «Velha Guarda», ainda pela República! E vem pela República porque a «Velha Guarda», na cegueira do seu partidarismo A esquece!—E' com fundo desgosto que aqui li'o vou provar: no artigo de fundo do dia 6 do corrente, logo na 1.ª coluna, quasi no fim, lê-se: «A «Velha Guarda» não tem que evitar lutas entre republicanos, nem que delas se arreçar».

—... Pergunto: é ou não é um jornal Republicano a «Velha Guarda»? Se é um jornal republicano—sinceramente republicano—como consente que alguém escreva que «não tem que evitar lutas entre republicanos, nem que delas se arreçar»?!!!

Eu, como jornalista improvisado, enquanto se me não gelar o sangue nas veias, e a tinta no meu tinteiro, terei de sentir e escrever sempre, que nós republicanos, sempre, através de tudo devemos evitar as lutas que a «Velha Guarda» nos aconselha.—Sob a bandeira da República de todos os republicanos—republicanos! estejamos unidos e amigos. «A união faz a força» e, na «Velha Guarda» quasi que se provoca—provoca!—sem escrúpu o a desunião!.....

—Cain a mesma mágoa com que principiei a escrever isto, com a mesma mágoa vou terminar: e essa mágoa consiste em ter de discordar da minha amiga «A Velha Guarda» para dizer do fundo d'alma:

Republicanos! Sempre unidos e sempre em armas!

H. A.

PELA CIDADE

A chuva tem sido torrencial nestes últimos dias e, bem como a tropoçãa que não nos deixa.

Pelo Campo da Feira e Caldeirão, tanta água se aglomerou no riacho que ali passa, que impossível foi evitar os prejuízos por ela causados—umas dezenas de contos!

Casas houve onde os moradores se viram na necessidade de sair pelas janelas, e outras ainda, onde os estragos foram totais...

.....
A data do Armistício foi comemorada com o assentimento de... S. Martinho. Encerraram-se as repartições públicas e o povo foi o único que não lucrava da festa, pois trabalhou todo o santo dia.

Contudo, noite alta, era vê-la como expandia a sua satisfação! Castanhas, vinho, calão verde no Oriental e serenatas ao céu negro de azovelhe...

E como por ironia, a chuva não cessou de cair.

.....
Já funcionam os Telefones. Até que enfim!

E, assim, já está abertas ao público as cabinas de Guimarães, Fafe e Taipas.

.....
Chamam-nos a atenção para o desleixo dos empregados das águas que, nesta altura, se esquece de abrir alguns fontanários. Há pessoas que vem de S.ª Lucia ao principio da rua de Janeiro buscar o cantaro d'água!... Quem o faz entrar nos olhos?!

.....
Estão quasi concluídas as obras feitas na Igreja da Oliveira e que, proficentemente, tem sido dirigidas pelo nosso conterrâneo, sr. Capitão Luiz de Pina.

.....
Há dias chamaram-nos a atenção para uns bicharrões que se regalavam em certo peixe do Vinagreiro. E' espantoso!

Então o sr. Sub-Delegado da Saúde permite que, além do roubo, se vença peixe porre?

.....
E já que nos encontramos com a mão na massa: «é preciso fazer-se uma visita aos tascos, inquirindo do seu asseto e limpeza, e colher amostras dessa porcaria que ninguém sabe como é feita».

.....
Tem grassado, pela cidade, o sarampo e tem havido casos fatais, embora em pequeno número.

QUADRAS

Esses teus olhos pretinhos, que luz brilhante eles dão; até quiavam ceguinhas na maior escuridão.

Ouvi dizer que o ciume é fogo que arde sem chama; —mas que queima mais que o lume o coração de quem ama.

Teus olhos são cor da noite, escuros como o carvão; —mas senão escuros dão luz às trevas do coração.

Quando te fôres confessar, uiz ao padre confessor que pecastes em quebrar — a jura do nosso amor...

Fafe.

João Pinto Bastos.

GAZETILHA

-Vizela e Taipas reclamam a independência.

Não é só a Catalunha
Que se quer deitar à unha
Contra o seu poder Central;

Perpassa na Humanidade
A âncora da Liberdade
E da Emancipação;

Não tenhamos ilusões:
Vizela das fricções
E também da água quente

A Comissão delega lá
Vai ficar, creiam, papada,
Diz-m'o bem o coração.

E isto muito em segredo
-Não é por que eu tenha medo,
Nunca fui de moderados...

Agora dizem também
Que as "Taipas" pedem à mãe
A Liberdade! - Que cão!

PIRILAU.

VIVA O LUXO!

Sob esta epigrafe publicou «A Velha Guarda», de 5 de Setembro, uma local em que o espanto crescia pelo aparecimento dum novo orçamento a fim de pagar a reparação dos «mesmíssimos passeios» da Avenida Cândido dos Reis.

E' ingénio o colega ou parece querer duvidar da honestidade das criaturas que compõem a actual Comissão Administrativa!

Ponho as coisas nos seus devidos termos, diremos:

-Quanto ao se terem acabado, há dias, os concertos dos passeios da Avenida Cândido dos Reis, obra que foi mandada fazer pela antiga verenação e paga, pela actual Comissão Administrativa, num quantitativo de cinco contos e tanto, somos informados de que essas obras foram feitas somente em parte do passeio do lado nascente da referida Avenida e que até, por sinal, a Comissão mandou remediar erros palmares que tinha, devido ás ordens recebidas na sua construção, e que motivaram o descimento das guias do passeio pelo estalar do pavimento cimentado. Também é certo que a actual Comissão mandou fazer orçamento da reconstrução ou conserto do restante do passeio, que se torna necessário compôr, e bem assim todo o outro lado do poente, completando com legendo a interrupções que existem e evitar que sejamos obrigados a andar nos continuados saltos nos passeios duma Avenida. Ora, por isto se vê que os Esc. 6950800, em que foram orçadas estas obras, não são dos mesmíssimos passeios que a Verenação transitava mandou concertar. Não se trata, pois, pelo que expomos, de luxo mas sim de zelo pelos interesses e comodidades dos munícipes.

Assim é que dá o certo.

P.º Francisco Almeida

Fateve entre nós o devotado republicano, P.º Francisco Almeida, antigo professor da Escola Primária Superior e que nesta cidade granjeou inúmeras simpatias.

Os nossos cumprimentos.

CONVERSANDO

A actual Comissão Administrativa é ôsso que não passa no esteito gargomilo de certos santões politicos. Empancou e daí todos os furibundos tregeitos das creaturas—que, ou se livram dele, ou correm o risco de sucumbir aos ataques de fulminante apoplexia. E tanto estrebuxam que ameaçam partir pela espinha, se a ordem salvadora não corre pressurosa a escorraçar da Câmara êsses estupidos landins que dela se aposaram.

Por Hercules, senhor ministro! Antes que a saúde pública perigüe, antes que estoirem de raiva alguns chefes de familia, antes que haja algum terremoto que mate no ovo tanto patriotismo e tanto bairrismo—o patriotismo e o bairrismo monárquico-democrático—venha de lá essa apeteçela demissão dos berberes, que andam neste mundo por verem andar os outros.

Mas que gana... Ora, como não tardará muito que lhes façam a vontade a vêr vamos quem ri de palanque. Até ao lavar das cestas é vindima.

Um, senhores; um e não mais. Ha um vereador honrado na Câmara.

E para dizerem isto, muito lhes deve ter amargado a bôca, a êles que á viva força querem monopolizar honra, saber e tudo quanto a antiga musa canta. Estes abencerragens de pondunôr, estes catões sem cotação em qualquer basar dos 3 vintens, consentiram em dizer que há um camarista honrado. Já é favor! Tanto não dava um calhau. Em sinal de regosijo a vereação resolveu (ou vai resolver nestes 10 anos mais chegados) dar o nome do ditoso a uma das novas avenidas. A não ser que o queiram na marquise. Marquise do Honrado.

Grandioso, hein!... Se eu fosse vereador, propunha que se mandasse uma embaixada a agradecer.

Forte birra! Como se a honestidade dêssevereador, ou de qualquer outro, estivesse á mercê de atestados passados por tais juizes!... Presunção e água benta...

O que é certo é que para casos de direito, como aquêle de que se trata, tem a Câmara um advogado. Consultado êste, ao que nos dizem, foi o seu parecer o seguido pela maioria. Assim é que está certo, como ninguém negará, mesmo que seja jornalista da cambra ao serviço particular de qualquer hõnestissimo senhor vereador. Clarissimo.

* Não nos parece que mereça aprovação a ideia de apropriar a qualquer outro fim a Escola industrial. Poucas são as que temos em condições e dos beneficios que delas nos podem vir todos devem ter boas provas. Mas daí até estarmos de acôrdo com aquela cantiga do cêgo vai mais de légua. Que a Escola Industrial de Guimarães não deve passar a cavaliçã, está certo; mas que ela precisa de... vasoura, também está certo.

Nem cavaliçã, nem asilo de... competencias. E, já que estamos com a chave na porta, aquêle decreto que obriga os talentos a concurso terá execução? Rai's partam a politica! (Se não fõsse a censura, isto é que dava pano para mangas...) Oh, se dava...

O Tomazinho tem a situação na mão. Tu cá tu lá com os potentados, êle é uma roda viva naquêle Terreiro do Paço. Há-de ser por isso, por causa dêle, que se diz que aquilo que parece uma... casa de saude. Nem outra coisa dirão os que virem o Tomaz monárquico a dar vivas á Republica. Está tolinho, o Tomaz. Coitadinho. Quanto maiores são os óculos que usa, menos êle vê. Burro velho...

Agora mesmo somos informados de que a Comissão Administrativa pediu a demissão. Sursum corda! Cães, ao caldo, que é de feijões! Saltem as competencias. Ai, Tomazinho duma figa. Foi uma lança em Africa. Agora sim! Agora é que vamos ter uma Câmara sem politica. E bairrista, e patrioteira, e talentosa e hõnesta. Ai, valentes. Interêsses Económicos (serão os mesmos que querem o concelho de Vizela?) democráticos e monárquicos!

A' unha, quero dizer, á urna! Viva a miscelania ideal! Entretanto, a Republica vai a areis ali para as obras novas.

Pois, é, precisamente, isso o que falta: é brio, muita força de brio, energia e patriotismo. Que se houvesse brio, não se beliscava com tanta facilidade no brio dos outros. E, se houvesse energia, e se houvesse patriotismo, não se estava assim a atirar areia aos olhos do próximo para armar ao pingarelho.

Sabe bem o plumitivo que quem foi a Lisboa tratar dos casos passados em Guimarães com a nova disposição da tropa o fez com inteiro desejo de bem servir a causa; sabe bem—parece—dos esforços empregados e do

trabalho dispendido. Quanto a patriotismo, não se viu ainda que, em 15 anos de regíme, os patriotas acusadores tenham feito melhor do que o acusado fez em 15 dias.

Não vieram mundos e fundos, é verdade; mas que fundos e mundos viriam se lá fossem os patriotas que protestam?

«Toda-a-gente sabe, porém, que êsses mundos e fundos que vieram, já estavam destinados a Guimarães...» Então vieram ou não vieram mundos e fundos?

Onde digo digo, digo que não digo.

Mas, adiante. Com que então, o nadinha que vejo já estava arranjado, destinado?... Que sereia?! Até parece o vigário ao ouvido do saloio. Então quem raio é capaz de arranjar coisinhas cá para o vimaranense? Só êles. Isto que se vai arranjando a êles se deve. São êles que em todas as situações conseguem tudo.

A êles e só a êles é que devemos êste avanço fenomenal de caranguejo sem pernas, este avanço que principiamos, quando as terras visinhas vão já em mais de meio caminho. Tudo se lhes deve, até a porcaria que cerca os monumentos citadinos, as belas condições higiênicas da cidade, as corridas de Marathona, e o bellissimo contrato que põe o nosso Liceu a pedir esmola ao próximo.

Oh, talento!!!

Quer isto dizer que suas excelências não tenham feito nada? Longe disso. Simplesmente, queremos dizer que em 15 anos de governos favoraveis qualquer teria feito mais, muito mais.

A Cesar o que de Cesar é.

Esboça-se aí um movimento de protesto contra a criação do novo concelho de Vizela. A Câmara, solicitada,—e que o não fõsse?—toma a frente do movimento. E' lógico. Pois, querem saber? Certas linguas, aqui podiamos dizer certos trapos, badalam iradas contra a atitude dos camaristas. São os mesmos que badalariam se a Câmara se fechasse em copas ou procedesse isoladamente. Uns alhos.

E há tanto raio que vai matar o boi ao pobre lapõnio...

P. P.

: Êste numero foi visado :
pela Comissão de Censura

GAZETILHA

Similia similibus curantur

Darwin afirmou um dia
Que, a gente, descendia
Dum enorme macacoão;

Isto que a muitos agasta
Do meu primo não me afasta
Nem me faz dar volta ao caco;

Eu conheço—com licença—
Muita gente com avença
Para uso de gravatã,

O Abade de Gezende
—Em verso que não ofende,
Feito com «doce brandura»;

—Darwin ouve o que eu digo,
Escuta a voz dum amigo,
Lá no sepulcro, e, depois,

A pergunta que te faço
Não é esparrela ou laço
Em que te queira agarrar...

Por mim já disse o que sinto
—E juro que lhes não mintó—
Ante as vórtias versões;

PIRILAU.

Dinheiro à frente

A «Velha Guarda» num local com a epigrafe igual á de cima, insinuou e pretendeu terir os snrs. Capitão Fraga e Dr. Guilhermino Rodrigues ao afirmar que a representação feita por êstes senhores a Lisboa, a quando da transferencia do R. I. N.º 21 foi paga pelos cofres da Câmara.

Muito mal informado, o colega! —O snr. Dr. Guilhermino Rodrigues, nem sequer saiu de Guimarães e, que nos conste, não foi a parte alguma á custa do município. Esteve sempre nesta cidade e a lubrificação de que falou o colega não é senão uma tórpe... cantiga.

Pelo que diz respeito ao snr. Capitão Duarte Fraga, soubemos que S. Ex.ª levantou em verdade a quantia de mil e cincoenta ascudos e, depois de pagar as despesas de representação do seu boiso, pagou com aquêle dinheiro, na Casa da Moeda, a selagem das obrigações dos Empréstimos Municipais—rede telefónica e abastecimento de águas das Taipas», que de há muito devia estar paga.

Assim é que é.

António de Pádua S. Cardoso

No passado dia 11 faleceu êste nosso presado amigo e canceiroso amanuense da Câmara Municipal.

Estimadissimo por todos que o conheceram e cheio de dotes que o recomendavam, a sua morte foi sentidissima pela população citadina.

A' Familie enlutada, os nossos sentidos pêsames.

Assinaí

«A RAZÃO»